

Padre Alberto da Rocha Martins

**UM SONHO... UMA VIDA...
UMA PRESENÇA...**

(CONFERÊNCIA)

1960



3)
21.134.3-5Martins,
AR

Nota Prévia

DEVO esclarecer o leitor que esta conferência foi escrita unicamente para ser lida a um auditório selecto e amigo. O pouco tempo de que dispus para este trabalho não me permitiu cuidar a sério nem da forma nem da ideia. Por isso saíu pobremente vestido um pensamento à volta da inclita figura do Infante Navegador.

Ao dar à estampa este modesto trabalho, escrito, no entanto, com amor e entusiasmo, deveria revê-lo, corrigir-lhe deficiências, ou acrescentar-lhe alguma frase que melhor o esclarecesse. Não o faço, no entanto, e propositadamente. Desta forma é o que foi lido na Assembleia Barcelense a um grupo selecto e amigo que, apesar de todas as deficiências reconhecidas pelo Autor, sublinhou com entusiasmo e agrado estas descoloridas palavras. Por respeito para com esse grupo de amigos auditores aí vai, tal qual o disse, o trabalho sobre o Infante D. Henrique. Será, creio eu, mais uma luz, ténue, sem dúvida, a iluminar o túmulo do inclito Navegador.

«UM SONHO... UMA VIDA...
UMA PRESENÇA...»

OBRAS DO AUTOR:

DEBRUÇADO SOBRE O EVANGELHO — 1953 (Esgotado)

O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA — 1954
(Esgotado)

NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA — 1956

PALAVRAS DE SAUDADE... — 1960

«UM SONHO... UMA VIDA... UMA PRESENÇA...» — 1960

PADRE ALBERTO DA ROCHA MARTINS



«UM SONHO... UMA VIDA...
UMA PRESENÇA...»

(Conferência)

Do Nibo (Pirã), a fra-
de, a sua amiga
de,
Com muita simpatia

San?
Roo

ofe

1960

Alfredo Rocha Martins

51088

Prólogo

Fizeram-se as comemorações Henriquinas.
O Autor, a convite da Direcção da Assembleia
Barcelense, proferiu uma conferência.

088:

MEUS SENHORES:

SE me cabe a honra de, nesta noite, falar a tão distinta assembleia pesa, também, sobre mim a grave responsabilidade de dizer alguma coisa que possa interessar o vosso espírito. Tarefa difícil para quem, como eu, se apresenta tão carecido de qualidades, mas, ao mesmo tempo facilitada pelo espírito generoso e ilustrado de quem, em requinte de gentileza, aqui me veio escutar.

Não trago um assunto novo, desconhecido ou original. Creio até que em problemas de História não se pode ser original, a não ser na medida em que conseguimos personalizar o que dizemos. Venho tão somente, seguindo a esteira luminosa dos que, neste ano comemorativo do quinto centenário da morte do Infante, têm, com tanto brilho, alçado sua figura e proclamado seus méritos incontestados, fazendo-a rebrilhar às incidências do seu pensamento expositivo, venho, dizia, glosar alguns aspectos da vida e obra desse grande Português, objectivando sobretudo a mensagem gloriosa que se guarda em tudo quanto fez. Não terei a glória dos que me precederam no louvor ou crítica ao Infante Navegador, mas, apesar da deficiência de méritos, forcejarei por dar às minhas palavras, anémicas de expressão e brilho, o calor do meu entusiasmo — o calor de quem vive a grandeza desse herói nacional e comunga o mesmo ideal que sempre o orientou na vida. Não poderá falar-se com sinceri-

dade de uma figura histórica se ela não impregnar, com seus feitos, heroísmos ou virtudes, o nosso pensamento e coração; como não é possível objectivar os factos que nos repugnam, para os censurar, se o nosso espírito não for inteiramente sincero.

Por isso, porque sinto a grandeza impressionante do Navegador, contra todas as críticas poeirentas que procuram obnubilar o seu esplendor ou falsear suas intenções, — como se fosse possível negar a realidade do sol pelo facto de se fecharem os olhos —, porque plenamente creio na mensagem henriquina ao Mundo de hoje e de sempre, resolvi, por convite amável da Direcção desta Casa — uma Direcção que procura dar sentido elevado à sua missão de Dirigente — proferir algumas palavras à volta de um tema simples que sintetizo em «UM SONHO... UMA VIDA... UMA PRESENÇA» — três aspectos da personalidade gloriosa do Infante D. Henrique.

MEUS SENHORES:

A vida é, segundo o pensamento do poeta Alfred de Vigni, a realização, quase sempre, dum sonho que amorosamente se viveu na Juventude. Quase sempre o futuro resulta do que pensámos, desejámos e construímos no passado. Chamaram à Juventude a época das sementeiras, por ser nesse tempo radioso que se lançam as grandes aventuras do Futuro. Na verdade, a vida é tecida de sonho e de realidade... O sonho que nos deslumbra, empolga e fascina... a realidade que tantas vezes nos amargura, desalenta e mata... A noite fecha o homem às realidades amargurantes do dia e reabre-lhe no espírito o sortilégio encantador de horas de aventura e novos voos. Neste vai-vem permanente se programa a vida dos homens. Desponta

um Ideal que marca um Destino. Começa, então, a brilhar a estrela de luz cariciosa e dominadora. O homem jamais deixará de a seguir! O Ideal começou a lucilar...

Precisa, no entanto, de se manter fiel a esse Ideal, contra todas as dificuldades. Precisa transformá-lo em ideia-programa e fazer tudo, tudo quanto estiver ao seu alcance, para atingir esse fim. Depois de um perfeito esclarecimento da inteligência, que vê o fim e conhece os meios a empregar, exige-se, sobretudo, uma força de vontade que se alimentará da coragem e da generosidade. Aquela, vencendo obstáculos, dúvidas e dissabores; esta, suprimindo em bondade e amor ao trabalho, o ingente sacrifício a que se nega, por vezes, a natureza humana, mais propensa ao ócio tranquilizante que às ascensões que iluminam e glorificam. Verifica-se, assim, que, do binómio Homem e Deus, numa concepção teológica e metafísica, depende a grandeza de uma vida iluminada pelos revérberos da ciência, do heroísmo ou da santidade.

Percorrendo essa esteira luminosa «dos que da lei da morte se vão libertando», na consagrada expressão camoneana; analisando os aspectos plurifacetados da sua vida e actividades; percorrendo os documentos intrínsecos e extrínsecos dessas vidas enfloradas de grandeza, chegamos, em consequência lógica e irrecusável, à conclusão de que dois factores — um de ordem espiritual e outro de ordem material —, em aliança íntima, geraram essa grandeza.

A virtude não se improvisa, do mesmo modo que uma obra perene e uma mensagem de sempre, pressupõem esforço, longa preparação, caldeamento das ideias na meditação e no silêncio, trabalho exaustivo e permanente teimosia na realização dum programa. O ar apressado com que hoje, no geral, se julgam os factos e se criticam as obras, dá-nos a ideia clara da superficialidade que, os que assim procedem, surpreendem nessas obras,

nessas figuras e nesses actos. Erro de visão? Antes, em nosso entender, impreparação, incapacidade para abarcar grandezas que não são capazes de atingir ou de sonhar. Este julgamento sumário e aligeirado é bem o índice da velocidade estonteante da vida do nosso tempo...

A grandeza e a seriedade exigem meditação e recolhimento...

Por outro lado, a ambição desmedida ou a paixão obsecante fecham horizontes e circunscrevem relevos, de sorte que a verdade fica parcelada, que o mesmo é dizer, desvirtuada e inválida. Diante das figuras históricas, para além de um estudo sério, exaustivo e completo, há que manter o espírito bem isento de preconceitos ou de clubismo literário... Só assim surgirá, em beleza perene, a grandeza do homem que lutou, sofreu, e, mercê duma vida exemplar, construiu um futuro grandioso, que teria um sentido galvanizador em toda a sua vida. O sonho vai-se tornando em realidade!

Podem gritar-lhe que «quem passar o Cabo Não», tornará ou não, «que ele manterá indómita a vontade de prosseguir contra todos os fantasmas, os medos e os obstáculos do Mar. Onde está uma vontade aí está um caminho... Esse caminho abrirá um futuro de glória nacional; essa glória, porém, há-de florir pelo esforço duma Raça.

A flor que encanta os nossos olhos e perfuma docemente o ambiente que nos circunda, esteve muito tempo escondida, numa vida latente, na semente que a Terra fez germinar. Quem sonharia a beleza desse mistério? Por isso nos parece útil e, mais do que isso, lógico, percorrer, com a ligeireza a que o tempo nos concita, alguns pormenores da vida do Infante, sobretudo nos imponderáveis da sua meninice...

Acredito que seja histórica a frase de Napoleão Bonaparte. Quando lhe perguntaram quando devia começar a educação

duma criança, o valoroso cabo de guerra teria respondido sibilamente: « vinte anos antes de nascer... » Queria dizer na sua que, antes de educar uma criança, tem de se educar os que a irão gerar para a vida. Se a frase não é histórica é, pelo menos, muito expressiva e verdadeira. De facto, o róseo da manhã preanuncia a claridade suave do novo dia.

Há-de ser, também, no ambiente familiar e ocasional que havemos de encontrar motivos justificativos da vida empreendedora do Infante.

Há leis que pesam sobre a Humanidade através dos tempos... Por isso se afirma que os Mortos mandam pelo exemplo que nos legaram, pelo sangue que nos transmitiram, pelas obras que realizaram, pelo somatório de tendências e propensões, — qualidades ou vícios — a que a geração não pode furtar-se.

O Passado impera no Presente!

No espírito do Infante cruzam-se os conceitos medievais, a religiosidade apaixonante, absorventemente empreendedora e o espírito guerreiro, cheio de tenacidade porque obedece a um programa, espécie de ideia-força. Este espírito guerreiro e religioso coloca-nos, em relação a D. Henrique, em situação embaraçosa para interpretar certas atitudes e decisões em relação a si mesmo e à família, designadamente ao Infante Santo — o irmão que foi mártir da política do seu tempo e dos intentos cristãos da Grei Portuguesa.

Há-de procurar-se toda a verdade dos factos avaliando o temperamento arrojado e audaz do Infante, aliás herdado do Pai, e, ao mesmo tempo, a ponderação, a serenidade e a tenacidade que geraram, no seu tempo, uma verdadeira epopeia de expansão cristã e telúrica, e que, volvidas cinco centenas de anos, fascina o homem de todas as latitudes pelo brilho de extraordinário alcance quer na Cultura, nas Letras e nas Artes, quer ainda, no alargamento comercial e descoberta de riquezas

insondáveis. A esta distância tem mais brilho a obra do Infante, como tem mais beleza o quadro do Pintor que contemplamos de longe... e a paisagem debruada a ouro quando vista à hora purpurina do sol poente...

A história deste vulto insigne não pode explicar-se sem uma chamada ao ambiente familiar em que foi educado e preparado para a vida e, também, ao condicionalismo de tantas circunstâncias que possibilitaram a ascensão gloriosa de um homem que nunca voltou o rosto às dificuldades nem jamais se deixou seduzir por comodismos e até prazeres legítimos. Tudo sacrificou ao ideal que lhe fervilha na alma. Na sua personalidade cheia de mistérios, tremula, como gema preciosa em recôncavo de escuridão, um desejo constante de subir e engrandecer...

Não quer viver para si... mas para os outros, consubstanciando este programa nas ideias transcendentais, embora objectivas, de serviço de Deus e serviço da Pátria.

A Corte portuguesa, que nem sempre fôra modelo de todas as virtudes, revitaliza-se, assumindo grandeza moral na dinastia joanina onde, como clarão benfazejo e farol orientador, paira, docemente, o espírito forte e gentil de D. Filipa de Lencastre. Sublimes lições de portuguesismo dera a seus filhos esta veneranda Mãe, que foi Rainha de Portugal! O Lar em que pontifica, pela doçura e altivez moral, é uma verdadeira escola de virtudes cristãs e de educação cívica. É um crisol em que se purificam caracteres e se temperam fortemente vontades indómitas ao serviço de Portugal. Orientará a ínclita geração num rumo espiritualista, de respeito pelos verdadeiros princípios e valores morais, e será conduzida pelos caminhos, algo espinhosos, em que o sacrifício e a renúncia seriam pão de cada dia. Será neste programa de grandeza que se enquadra maravilhosamente a epopeia dos Descobrimentos, por não poder dissociar-se da base em que se estrutura a personalidade henriquina.

A Índia, envolta em mistério, lucila, como uma fascinação, no espírito dos ocidentais. Aquele espírito profundamente religioso que impregnou e deu grandeza à Idade Média era enormemente propício ao desenvolvimento do sonho do Infante. Ir à Índia... descobrir, conquistar... civilizar... No espírito sonhador e reflectido, por paradoxal que pareça, floria esta ideia que havia de dominar completamente.

D. Manuel I verá, por generosidade das circunstâncias, a consumação esplendorosa do facto que D. Henrique e D. João II tanto acariciaram e promoveram. Nem sempre colhe os frutos o que fez a sementeira...

Onde está uma vontade, aí está um caminho...

O Mar, de ondas baloiçantes, solicitando à aventura, no mistério das suas águas salgadas pelas lágrimas de tantas Mães de Portugal, o Mar que tudo dá e tudo leva, lindo, brilhante, imenso espelho do azul do Céu, sepultura de tantos heróis e de tantos portugueses, atraía irresistivelmente o Infante que se perdia, tantas vezes ensimesmado num sonho de glória e de grandeza, nessa hora mística em que os últimos raios do dia vão cedendo às primeiras trevas da noite. Muitas vezes o viram, solitário, pensativo e de olhar perdido nos longes do infinito, compulsando cartas e percorrendo roteiros...

Na história do Navegador, entertecida de luz purpurina, circundada de violetas roxas, humildes e perfumadas, anda, aureolada de santidade, a figura de D. Fernando que marca — quase sinal de contradição — um traço psicológico na identificação do Infante D. Henrique. É mais um lume vivo a incendiar o coração do Navegador que não entrega Ceuta porque é de Deus. Sobreposição do amor de Deus e da Pátria ao amor da Família, numa concepção teológico-moral consagrada através dos tempos.

O martírio coroa uma vida, nas horas longas de noites infi-

nitas de sofrimentos e sublima uma figura de quem escreveu, com muita verdade, o Professor Mendes dos Remédios: «podem carregá-lo de ferros, alimentá-lo de pão negro e duro, negar-lhe a água, tirar-lhe a luz, roubar-lhe o espaço em que estende os membros exaustos... tudo o seu espírito olha de frente, com a consciência absoluta de que o sofrimento redime os homens para uma vida melhor e mais perfeita. São quinze anos de martírio nas plagas africanas, onde se perde a esperança de viver sob o sol lindo de Portugal para obter a certeza de viver nos esplendores da glória imarcessível e imortal. «A morte de D. Fernando reacende no espírito do Navegador, quase como um remorso, o facho luminoso dum ideal que se concretizará no sonho lindo de dois amores: Deus e a Pátria!

A empresa do Infante, dominada por forças íntimas, em que se esconde o génio duma Raça evangelizadora, anda marcada pelos nimbos duma glória intemporal e projecta-se através dos tempos — do tempo em que viveu na Terra — numa vida que se dedica, que se esquece e que se oferece... Vêem-no no rochedo de Sagres, pensativo, melancólico, sonhador, interrogativo...

Lá longe... o Oriente fascinante... Ali ao pé, para além de Gibraltar, a África ardente onde o ismaelita é uma ameaça permanente e inquietante. Lá no alto, no firmamento azul do seu sonho, o nome de Deus e o nome da Pátria a galvanizarem-no irresistivelmente. Dilatar a Fé e o Império, obter riquezas, espirituais e materiais, para Portugal, levar este nome fazendo-o drapejar em todos os quadrantes do Mundo ao sopro da vitória, na Bandeira Sagrada das Quinas.

A África foi um sonho de glória, um anseio de patriotismo e um imperativo da Fé. Era preciso dá-la a Deus. Portugal sentia o dever de ser sacerdote para depositar no altar sagrado a oferenda do Continente negro.

O sangue tingirá as plagas ardentes, o sacrifício será pão de cada dia, o solo da África sepultura de tantos. O sonho, porém, haveria de converter-se em realidade!

Ceuta, sendo a chave comercial do Oriente, é, também, o centro onde se fortalecem exércitos infiéis que buscam dominar o Ocidente. A lei de Maomé anseia substituir a de Cristo; o culto do profeta de Allá pretende impôr-se ao de Deus. Ceuta é, por isso, objecto deste ideal de serviço de Deus.

Tem razão o escritor António Brásio quando afirma: « que o Infante D. Henrique é o grande homem de Ceuta, quer na sua conquista, quer na sua manutenção em mãos cristãs e portuguesas ». Não se pode esquecer o sentido altíssimo e nobre da Conquista de Ceuta, nem as razões, quase de consciência, que incitaram o espírito do Rei de Boa Memória, dos Altos Infantes e desse Monge Soldado que se chamou Nun'Álvares Pereira. Lembrá-los, na desfilada dos séculos, é prestar homenagem de justiça aos que fizeram — e para sempre — a grandeza de um Povo.

Move-os o serviço de Deus.

São do Capelão da Armada Rev. Martins Pais estas palavras ditas aos marinheiros na Baía de Barbaçote, pouco antes de entrar em Ceuta. Tomando nas mãos o Corpo de Cristo em custódia reluzente disse: « irmãos e amigos, eu acho que nunca o homem pode directamente fazer alguma cousa, se não sabe o fim por que a faz; e vós outros que aqui sois ajuntados, por ventura não sabeis que sois aqui vindos por serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo, por cujo amor El-Rei Nosso Senhor se moveu a começar esta demanda ». Após estas palavras, de entre a multidão, levanta-se o Infante D. Henrique e vai, pondo-se de joelhos, beijar a custódia em que estava o Corpo de Cristo e, após ele, todos os soldados. O exemplo de cima a iluminar, a dominar e atrair!

Espectáculo impressionante!

Ceuta e África serão para sempre uma parcela do coração português, desse coração que se estenderá, em seguida, aos confins de onde o sol nos vem.

Em 1412 teriam partido, numa ânsia de aventuras, ao sopro leve da brisa salgada do Mar ou aos encontrões das tempestades, os primeiros navios do Infante. A obra não é apenas sua. Anònimamente colaboram eficientemente os que ele dirige e orienta. Gil Eanes e Afonso Baldaia atingem a Angra dos Rui-vos e em 1436 chegam ao Rio do Ouro, assim chamado pelo resgate de dois cativos pago com ouro em pó. Nuno Tristão chega, em 1441, ao Cabo Branco e dois anos depois à baía de Arguim. Em 1444, Dinis Dias encontra o cabo Verde, assim chamado em virtude da espessa vegetação, e Nuno Tristão descobre a foz do Rio Senegal; em 1445 Álvaro Fernandes dobra o cabo dos Mastros e Cadamosto e Diogo Gomes descobrem a Costa da Guiné e chega-se, por intermédio de Pedro de Sintra, à Serra Leoa.

Esta obra não é, como já insinuámos, sòmente do Infante. Com ele, os seus homens, lutando e realizando o mesmo programa. A obra, assim, será maior e mais esplendorosa.

Na verdade, não podemos, sob pena de atraiçoar documentos e tradições, esquecer os que, vinculados à história, rodearam o Infante e possibilitaram essa obra gigantesca em que cintilam, por entre fulgurações de fé, o amor a Deus e o amor à Pátria!

Uma das grandes virtudes do Infante, porém, foi aproveitar os elementos dispersos e que eram eficientes para a navegação. Abriu um caminho e seguiu-o sem hesitações, aglutinando à sua volta uma massa de que ele seria fermento e guia. É uma obra que transcende o tempo e o espaço e se projectará para sempre no pensamento dos homens.

Urge, por isso, registar e ponderar, pela luz que irradiam,

algumas razões apontadas pelo cronista Azurara determinativas deste enorme empreendimento henriquino. São motivos que pesam na consciência do homem extraordinário — figura central da Idade Moderna — que se chamou o Infante Navegador.

O cronista fala numa razão científica, que bem pode não ter sido a primeira no espírito do Infante como o fora na descrição de Azurara. Esta razão fundamenta-se no facto de a navegação portuguesa, cuidadosamente preparada, vogar sobre as ondas, ora mansas, ora encapeladas do Mar, sob rigorosa orientação científica, pois tudo, absolutamente tudo, era previamente estudado e orientado. O acaso é palavra sem sentido em relação a tudo, mas muito mais em relação aos Descobrimientos portugueses. Isto mesmo contribuiu para que no reinado de D. João II se aperfeiçoasse, com a Junta dos Sábios ou Cosmógrafos, esta técnica marítima.

Alude o Cronista, ainda, a uma política económica e comercial, ideia aliás obsediante de uma Europa que se abre em direcções orientais, através do notável empreendimento medieval das Cruzadas, cuja essência e fins eram puramente religiosos, mas que, pelas circunstâncias cronológicas e espaciais, se tornaram chave de oiro a abrir as portas de insondáveis tesouros do oriente. Outro tanto se observa na hora de fastígio português — a época dos Descobrimientos. Não podiam os Descobrimientos, na verdade, deixar de proporcionar aos portugueses o feliz ensejo de estabelecer relações comerciais até inundar de pompas, de glórias e de pérolas a mais ocidental nação da Europa. Estas riquezas — e a riqueza seduz sempre o homem que não é apenas espírito mas que tem um corpo com necessidades físicas — serviam para incitar a empresa maravilhosa. Seria a paga dos marinheiros esforçados, desses mesmos pais e avós dos que o Velho do Restelo — figura simbólica mas que sempre circula por entre as multidões que o escol dirige — havia, em lingua-

gem insinuante e patética, por entre saudades e lágrimas de todos, espalhar o desânimo mais corrosivo.

A terceira causa apontada pelo mesmo cronista indica o facto do estabelecimento de relações com os incrédulos, hereges e infiéis, importando para isso sondar até onde chegaria o raio de influência absorvente e nefasta dos inimigos de Cristo. Era preciso conhecer a geografia e o terrunho que eles moirejavam para lhes dar o pábulo da doutrina do Evangelho, ou então, para os combater. A esta razão juntava-se, também, uma íntima manifestação cristã de Portugal. Não se esqueça que a Nação saía, nesta data, dum momento histórico de grandeza. Aljubarrota e Valverde são pontos luminosos que não cegam, apesar da intensidade do brilho. Ali, nos campos ardentes da luta e heroísmo, está presente, ainda que invisível, o sopro alado da protecção divina. Isto é um marco luminoso que os olhos do Infante não deixam de contemplar. Ali, ao pé, na África, e lá, longe, escondidos nas dobras dum horizonte misterioso, milhares e milhões de almas que não conhecem — o que é mau! ou que combatem — o que é pior, ainda! o nome de Cristo. Aduz finalmente Azurara a razão missionária. Dilatar a Fé e o Império. E, uma vez mais, os últimos são os primeiros.

Quando, na verdade, se põe o problema de qual seria a razão que predominantemente influenciara o Infante D. Henrique, defendemos, acompanhado de boas autoridades, a tese de que fora movido manifestamente por uma ideia espiritualista.

Na sua frente a glória de Deus e a Glória de Portugal!

Milhões de homens perdidos nas trevas do erro e do islamismo, constituindo ao mesmo tempo uma ameaça contra a Europa cristã, é motivo poderoso a dominar uma alma que arde em ideal puramente cristão. Esta a ideia fundamental que estrutura a actividade do Infante Navegador. Desta actividade resulta a descoberta e colonização das ilhas atlânticas, das terras

africanas e dos caminhos marítimos que ligariam o Ocidente ao Oriente. É uma obra tão vasta, tão grande, tão importante e de tal transcendência que se chama, com razão, uma Epopeia!

Para além da grandeza material que se desentranhou em benefícios sem conta para Portugal, há que registar as possibilidades de ordem cultural, científica e literária que a Nação viveu. Toda a literatura ultramarina, tão curiosa e tão vasta, só foi possível em atenção à obra henriquina; podemos afirmar que o Infante possibilitou os Lusíadas e essas encantadoras obras de viagens que formam capítulo de relevo no espólio cultural do século dezasseis.

Honra, pois, ao Infante Navegador!

É um homem generoso que põe ao serviço do seu programa tudo, os bens pessoais, os bens da Ordem de Cristo, de que é administrador, a sua enorme boa vontade, a sua técnica e o seu saber.

Em Novembro de 1460, fecha os olhos à realidade desta vida esse homem gigante que foi semeador generoso, mas que não colheu a maior parte dos frutos da sua actividade. Outros os vieram a colher e, muitos deles, ainda hoje são colhidos por nós.

MEUS SENHORES:

Quem escreveu, com o seu esforço pessoal, páginas luminosas da história, abrindo caminhos nunca andados e possibilitando um horizonte desconhecido; quem iluminou uma época, fundando, dirigindo e alimentando uma Escola, de onde, em arrancadas de heroísmo, em busca de novos mundos, partiriam

homens cheios de ideal e dominados intimamente pelo anelo de dilatar a Fé e o Império; quem fez da sua vida um poema florido de inteira doação, tudo sacrificando, prazeres legítimos e descanso justo; quem deixou cegar os olhos para tudo que não fosse a glória de Deus e de Portugal; quem ajoelhou, em atitude cavalheiresca de misticismo medieval, no altar da Pátria por amor de Deus; quem fez tudo isto... não morre... não morreu!... Está presente!...

E tão presente que, volvidos cinco centúrias sobre a sua morte — tempo mais que bastante para inteiro esquecimento — continua, no entanto, a ser lembrado, homenageado e glorificado, não só pelos portugueses, seus compatriotas, mas pelo Mundo onde trabalham, sofrem e rezam os que são seus irmãos pelo ideal ardente que lhes queima o coração e ilumina a inteligência.

O que era terra volveu à Terra, porque o que é espírito, alma, em cintilações e revérberos de glória, subiu à Eternidade, que outra não fosse, ao menos à que os homens proclamam com as solenes comemorações do V centenário da Morte do Infante D. Henrique.

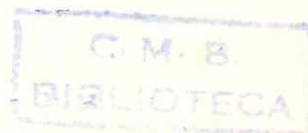
Não morreu... porque ficou, desafiando os séculos e cintilando no firmamento de Portugal, a sua obra magnífica que é centro polarizador de toda a Idade Moderna. Engrandeceu a Glória externa de Deus, dando-lhe mundos; engrandeceu o nome de Portugal, projectando-o e fomentando a Cultura, as Letras e o Heroísmo.

À sua obra, como coordenação ou subordinação, anda ligada, como o perfume à flor, essa majestosa epopeia em que deslizam misteriosamente sereias cantantes do Mar e rebrilham estrelas do Céu — a epopeia ultramarina dos Portugueses. Camões é tão grande como o objecto do seu poema!

Não morreu... E, por isso, urge, nesta hora marcada por

correntes que tentam aniquilar o heroísmo, em que se pretende obnubilar um passado de grandeza que enraíza no sangue de heróis e mártires; numa hora em que um falso sentido de universalização pretende escravizar e negar os direitos que o esforço ganhou e a História garantiu; numa hora em que a força do direito precisa, para honra e prestígio dos homens, de ser sobreposta ao escravizante direito da força e em que os valores morais têm de ser condignamente respeitados, é consolador, para nós portugueses, podermos levantar bem alto, para que tremule em todos os quadrantes do Mundo, a Bandeira das Cinco Quinas, que o Infante empunhou e fez levar ao longe e ao largo, honrando-a e prestigiando-a aos olhos do Mundo inteiro.

Não morreu... Está Presente!



biblioteca
municipal
barcelos



48017

«Um sonho uma vida uma
presença.»